

## **A SENTINELA NORDESTINA: ENTRE CANTOS E CHOROS**

Glauce Rocha Santos Coimbra<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente estudo busca investigar a importância do imaginário social da morte no sertão baiano. As representações sociais aqui apresentadas refletem sobre a morte e o ato de morrer e investiga os rituais fúnebres através da sentinela no região de Barro Alto na Bahia. O guardamento do morto, aqui chamado de sentinela, é realizado juntamente com as orações e cantos de *inselências* advindos do simbolismo nas práticas religiosas da cultura sertaneja. Para esse artigo foram utilizados procedimentos metodológicos baseados nos aspectos históricos, culturais e religiosos da região nordestina.

**PALAVRAS-CHAVE:** rituais fúnebres, morte e sertão nordestino.

This study investigates the importance of the social imaginary of death in the backlands of Bahia . Social representations presented here reflect on death and the act of dying and investigates the funeral rites by sentinel in Barro Alto region of Bahia . The guardamento the dead , here called Sentinel , is carried along with the prayers and inselências corners arising from the symbolism in the religious practices of country culture. For this article methodological procedures based on historical, cultural and religious nordestina the region were used.

**KEYWORDS :** burial rituals , death and northeastern backlands.

Já não se morre mais como antigamente. Principalmente quando falamos das homenagens fúnebres. Percorrer pelo universo simbólico da morte de uma comunidade rural é uma tarefa mais complexa do que engendrar nas práticas ritualísticas do morto do mundo dos vivos. Estudar sobre as diferentes representações da morte podem difundir o modo de vida, o imaginário, as crenças, dissabores sociais e conflitos inerentes à comunidade. Ao discutir sobre um tema polêmico, pautada na memória coletiva, o historiador abre espaço para os dramas sociais, refletidos na história da memória.

O presente estudo tem o intuito de compreender o universo simbólico da sentinela como ritual fúnebre na zona rural de do sertão baiano. O universo lendário e imaginativo é visivelmente presente no cotidiano da população.

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História – PPGH/UFG. E-mail: <glaycerocha@gmail.com>.

Muitas das manifestações lendárias da localidade estão correlacionadas com a morte. Além disso, o ritual fúnebre nos povoados ainda é visto como motivo de humanização, onde pessoas de diferentes segmentos sociais buscam aproximar-se do morto nos últimos momentos. Ao longo do século XX a morte sempre esteve bem presente no cotidiano da população nordestina, através da seca, tragédias, epidemias e assassinatos que marcaram de modo eficaz o imaginário local.

No sertão nordestino, assim como no universo religioso brasileiro, a morte também é vista como uma viagem, a última viagem. Devemos observar que esse propósito de viagem impregnado na cosmovisão da morte também é fruto do modelo interpretativo cristão. Morrer significa passar uma fronteira, entrar em outro mundo e prosseguir na peregrinação em busca do sagrado. Dessa forma, a idéia de passagem, de transpõe a estreita fronteira entre o profano e o sagrado e aproxima diferentes esferas da religiosidade.

O historiador francês Michel Vovelle evidencia a importância dos estudos historiográficos que surgiram sobre o tema “morte” e também ressalta o surgimento de uma grande quantidade de produção fantasmagórica em torno da morte, difundida por todo tipo de mídia, no século XX. “A história da morte é de fato a história de toda uma série de artimanhas, de mascaramentos, de evitações, mas também de criações do imaginário coletivo em relação a uma passagem obrigatória em toda a existência humana. (VOVELLE, 2004, pag. 59).

Mas também temos fontes, por meio da própria mídia, e principalmente na literatura, que relatam como uma sociedade pensa sobre a morte e lida com essa passagem. Temos vários relatos sobre a morte, enterro e várias sentinelas, na literatura e na história brasileira, como as que aqui destacamos.

Cora Coralina (2006), no capítulo Procissão das Almas, do livro Estórias da casa velha da ponte, o caso do defunto que revive-e-remorre, em o Lampião da Rua de Fogo, de Álvares de Azevedo (1855), Jorge Amado (1979), através de seu romance, Dona Flor e seus Dois Maridos, e o famoso livro de João

Cabral de Melo Neto (2007), *Morte e Vida Severina* que relata os vários encontros do retirante com a morte, entre outros.

A morte tem um papel de grande importância nas sociedades, Giacoia (2005) afirma que a maneira como uma sociedade se posiciona diante da morte e do morto tem um papel decisivo na constituição e na manutenção de sua própria identidade coletiva e, conseqüentemente, na formação e tradição cultural comum. Isso pode ser constatado nas comunidades rurais que exemplificaremos aqui.

O historiador francês, Philippe Ariès (1989), estudioso sobre temas relacionados à morte, destaca algumas características sobre esta. Na primeira idade média a morte era “domesticada”, “familiar”, a sociedade tinha uma certa intimidade com o ato de morrer. Era comum o moribundo pressentir sua chegada e despedir-se de seus entes queridos. Na segunda idade média, surgiram mudanças significativas, ao invés da certeza, passa-se a incerteza, pois cabia a igreja intermediar o acesso da almas ao paraíso, e isso resultaria na visão de sofrimento eterno (inferno) e alegria eterna (céus). Na baixa idade média não era bem aceito perder o controle e chorar os mortos. O corpo passa a ser ocultado e não mais visível.

Ainda segundo Ariès (1989), a partir do século XIX, as atitudes do homem diante da morte, alteram-se mais uma vez e a morte passa a ser romantizada onde o homem passa a ter complacência com a idéia de morte. Surge uma separação radical entre a vida e morte. As igrejas deixam de se tornarem locais de enterramentos e surgem os cemitérios. “... os sobreviventes aceitam a morte do próximo mais dificilmente do que noutros tempos. A morte temida não é, por conseguinte, a morte de si mesmo, mas a morte do próximo, a morte do outro” (ARIÉS, 1989b, p. 48).

Após esses relatos históricos, podemos perceber que a morte e o ato de morrer, sempre se modificaram ao longo dos séculos, desde a Idade Média até o século XX. Percebemos também que através da religião as pessoas tem uma maneira apropriada de homenagear os seus mortos.

As experiências que são relatadas neste estudo compreende um recorte espacial que vem desde o século XVIII e descrevem como esses ritos fúnebres, mais especificamente, o velório, ainda são preservados em muitas comunidades rurais até os dias de hoje. Dessa forma, esse artigo traz uma abordagem sobre a sentinela no sertão nordestino, um tema incômodo, pois não são todas as pessoas que se propõe a falar sobre a morte.

Almeida Prado (1947), descreve em seu livro *Trabalhos Fúnebres na Roça*, sobre a importância do “guardamento” ou simplesmente “guarda” como também se chamava. Ele aponta, que houve mudanças no guardamento do morto, que antes contava com a participação de muitas pessoas, inclusive de fora da família. Com a chegada da estrada de ferro, do automóvel e do cinema, os usos de costumes no interior se modificaram. Antes disso, havia o costume de velar, vigiar ou guardar as pessoas que faleciam, com todo o respeito. Almeida Prado ainda relata que os hábitos de rezas com cânticos durante toda a noite, foram desaparecendo com o tempo, limitando-se apenas ao velório com as rezas de terço. Ainda assim, esse ofício se destinava aos familiares e pessoas próximas que moravam na zona rural. Os estranhos, amigos ou conhecidos, apareciam em determinados momentos só para ouvirem ou contar anedotas, tomar cachaça, sem o devido respeito que o rito fúnebre requeria.

Um dos relevantes estudiosos dos assuntos fúnebre no Brasil é o baiano João José Reis, que pesquisou as práticas funerárias do Brasil do século XIX, publicados em alguns ensaios. No artigo “O cotidiano da morte no Brasil oitocentista” publicado em 1997, ele retrata uma nova interpretação das práticas funerárias do país no século XIX constatando que a morte no referido período estava presente no cotidiano da população de forma acentuada. Essa discussão do autor é relevante, principalmente se levarmos em consideração que uma das grandes preocupações do homem no século XIX era a salvação da alma. Era necessário o morrer bem, em paz e segurança com o objetivo de levar a alma ao paraíso da eternidade. Essas preocupações ainda são percebidas em algumas das comunidades rurais do país. É o caso do sertão

baiano, e em comunidades em que a morte não deixa de causar um certo estranhamento.

A investigação da importância da sentinela no contexto cultural vai muito além das relações entre vida e morte. Está ligado ao simbolismo religioso oriundos do catolicismo. Dessa forma, podemos identificar que o rito fúnebre possui algumas características que merecem ser observadas no contexto social. A primeira é que os rituais fúnebres fazem parte dos ritos sacramentais religiosos, como: batismo e casamento. Os ritos fúnebre dão ao indivíduo a convicção da proteção divina, tanto durante toda a sua morada no reino terrestre, como garantia também que Deus o concedesse como graça, um lugar na eternidade, ou mundo do além, quando viesse a falecer.

Para facilitar o entendimento do presente estudo, vamos refletir sobre o conceito de rito. O rito está presente na sociedade, assim como as festas. O ritual pode ser entendido como um conjunto de atos e formalizados, expressivos, detentores de uma dimensão simbólica. É caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso de uma série de objetos, por sistemas de comportamento e de linguagem específicos e por sinais emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns de um grupo. (GONÇALVES, 2013).

Entretanto, podemos ampliar ainda mais nossa visão sobre os rituais seguindo as indicações de outros autores. Em: O livro das religiões, os autores (HELLERN, NOTAKER, GAARDER, 2000) discorrem sobre os vários ritos de passagem, ritos estes, relacionados às mudanças mais significativas pelas quais passamos em nossas vidas: nascimento, entrada na vida adulta, casamento, morte.

A morte não se relaciona simplesmente com um cadáver, com o fim de uma vida, mas trata-se igualmente de uma nova condição, uma nova iniciação à vida eterna, ao reino dos mortos (dependendo das crenças de cada grupo sobre o destino dos homens). Os rituais de sepultamento igualmente simbolizam a separação do mundo dos vivos; estes devem zelar pelo bom encaminhamento dos ritos segundo os costumes do grupo. O não-cumprimento

destas prescrições pode ocasionar resultados, como o destino da alma que pode errar sobre a terra, ou ocasionar outros riscos para o mundo dos vivos.

Os autores exemplificam estas transformações simbólicas, culturalmente determinadas segundo os diferentes grupos sociais: assim como um bebê não é propriamente “vivo”, até passar pelos ritos de nascimento, um cadáver não é propriamente “morto”, até passar pelos ritos de sepultamento. É assim que cada “pequena morte” é seguida por um “renascimento” em nova condição. Esta transformação tem em seu período intermediário geralmente a representação de um risco: socialmente, o indivíduo não mais é o que era, mas também ainda não é o que será, após o fim dos ritos.

Nesta perspectiva, o rito é engendrado com um caminho de intercessão em favor da alma do morto, cujo principal objetivo é o livramento do inferno. Embora a sentinela se realize em função do morto, exerce uma valorosa função para os vivos. Outra função é propiciar a salvação da alma e contribuir para a separação definitiva entre o mundo dos vivos e dos mortos, através de uma codificação coerente por símbolos da própria cultura.

O que é sentinela? Cascudo (1999) descreve que o velório, conhecido em São Paulo como “guardamento”, é conhecido como “sentinela” nas cidades nordestinas, onde aconteciam sempre à noite e cantavam as inselências ou excelências. É difícil falar de sentinela sem mencionar o canto de inselências. O próprio Cascudo também conceitua inselências ou excelências:

Canto entoado à cabeça dos moribundos ou dos mortos, cerimonial de velório, ainda existente na Paraíba, no Rio Grande do Norte e em Pernambuco, na Bahia, e possivelmente, em outros Estados. Cantam sem acompanhamento musical, em uníssono, em série de vozes versos ritualmente. (CASCUDO, 1999, p. 218).

Fernandes (1938), no livro *Folclore Mágico do Nordeste*, ressalta que: “as excelências são cantadas ao pé do morto, enquanto os benditos são cantados à sua cabeça”. (FERNANDES, 1938, p. 67). Essa preocupação com os ritos fúnebres nas sentinelas nordestinas mostram que a morte não se findava em si mesma, e para o bem morrer, era necessário a participação dos

vivos. Essa ajuda auxiliava a alcançar uma passagem segura para que a almas alcançassem a salvação. Portanto nenhum moribundo deveria morrer sem uma sentinela apropriada que lhe proporcionasse as excelências através da encomendação da alma. Essa preocupação seguia juntamente com e escolha da roupa, o caixão e a cerimônia fúnebre com a presença da família, amigos e vizinhos.

Na sala melhor da casa, estendido na rede, em caixão, ou mesmo numa esteira, passa o corpo toda a noite, iluminado de velas. Em redor cantam “excelências” seus amigos, enquanto outros bebem aguardente e conversam. (FERNANDES, 1938, p. 66)

Não pretendemos neste estudo, definir o que é sentinela, mas buscamos uma reflexão com base histórica e social das práticas que ainda hoje são adotadas em algumas regiões no sertão nordestino.

A sentinela é um rito fúnebre, que inicia a notícia da morte do moribundo, quando os familiares começam a preparar a casa para receber as pessoas que farão a última homenagem ao morto. Por mais simples que seja a família do morto, todos os preparativos são feitos com cuidado para que não falte nada e que a alma do falecido tenha uma boa passagem.

Ainda nesse fase, a família busca a presença de um “incelenceiro” ou as “carpideiras”, que são as pessoas designadas para puxar ou coordenar as rezas de inselências. Caso o moribundo esteja em fase terminal, são cantados os cânticos que “ajuda o pecador a morrer”

A sentinela proporciona, para os que ficam, um valor de sentido. Portanto, além da função prioritária de velar o morto em respeito à dor familiar ou a um costume ou prescrição religiosa, ela também desempenha funções no âmbito cultural importantes para a manutenção da ordem no cotidiano religioso da comunidade.

Durante a sentinela, os vizinhos e parentes fazem café, chás e providenciam bolos e outros alimentos para aqueles que se dispõem a passar as 24 horas velando o morto. Em muitas ocasiões, servem almoço ou jantar e esses gastos geralmente são custeados pelos familiares ou amigos do finado.

Além da comida, é indispensável a cachaça, principalmente para os contadores de “causos”, que são aqueles que ficam horas e horas na parte de fora da casa, rodeados de pessoas interessadas em ouvi-los.

Na tradição da cultura nordestina sertaneja, o termo “sentinela” é designado para fazer referência a todo o período por que passa a pessoa, desde a iminência da sua morte até o seu enterro. Segundo Rocha (2006), a sentinela acontece em função do “finado”, porém exerce importante papel no processo de luto dos vivos e é motivo de encontros e de convivência familiar.

De acordo com Reis (1991), uns cuidavam de arrumar a casa para o velório e de providenciar outras coisas relacionadas ao enterro. “Arrumar a casa” significava decorá-la de acordo com os símbolos do luto:

Havia muitas formas de anunciar a morte, como os gritos das carpideiras. Muitas vezes a família mandava rezar uma “missa de notícia”, dobrar os sinos da igreja da paróquia e, em muitos casos, também os da catedral. (REIS, 1991. p. 128)

Reis (1991), ainda relata que a posição correta do cadáver no espaço do velório era receita certa de eficácia simbólica. “sempre com os pés voltados para a rua e quando é carregado no féretro conserva-se a direção. Sai para a sepultura com os pés, ao inverso de como entrara no mundo”. Toda essa simbologia, ainda segundo Reis, asseguram a passagem do defunto para o território da morte.

O ato de carpir anuncia a passagem da alma do morto para o outro mundo, emprestando à dor os seus sons, os seus tons e gritos, suas letras encarrilhadas, compostas de improviso, assim como a morte, que chega sem avisar. Em relação a isso, ouvimos relatos de moradores do povoado de Queimada de Claro, na região de Barro Alto na Bahia, sobre o velório do senhor Franculino Souza, que morava no povoado. Antes de sua morte, ele já havia manifestado o desejo de ser velado com o canto de inselências e solicitado a presença das carpideiras em seu velório.



A prática de contratar carpideiras é bem mais antiga do que podemos imaginar, já que se encontrava presente na cultura egípcia. De acordo com Luís Câmara Cascudo, um dos maiores estudiosos de cultura popular do país, no Dicionário do Folclore Brasileiro, nós não tivemos no Brasil a carpideira profissional que chorava alheio mediante pagamento. Entretanto, herdamos dos portugueses a carpideira espontânea, cuja lamentação é gratuita e vocacional, recebendo como recompensa pela mágoa compartilhada, alimentos ou alguns trocados (MORAIS, 2013, p. 75).

No povoado de Cisterna, próximo ao município de Barro Alto, entrevistamos a carpideira Cristina Rosa de Jesus Souza (2016), que é uma das principais responsáveis por esse ofício no povoado. Ela relatou que as rezas são passadas de geração para geração e ainda estão presentes na vida e morte dos habitantes desse povoado e de outros vizinhos. Assim que ela recebe a notícia da morte de alguém, muitas vezes acompanhada de pedido de rezas, ela já pede para avisar as suas companheiras, que, reunidas em duas ou três, passam a noite inteira na sentinela, rezando e cantando, até que o corpo seja levado ao cemitério.

Morais(2013), relata sobre o ofício das carpideiras nos funerais, no interior do Piauí e definiu, como se constroem a tradição dos velórios e a espiritualidade que envolve esse momento:

As carpideiras são mulheres, dentro da comunidade, ensinadas para preparar o corpo do moribundo/defunto com rezas ao longo da sentinela/velório, elas estão vivamente presentes no imaginário coletivo dos piauienses. (MORAIS, 2013, p. 110)

Em relação ao “o que cantam”, Morais explica que as rezas são destinadas aos moribundos ou mortos, e são cantadas perante estes. Lembrando aqui que moribundo é um termo utilizado para o indivíduo que ainda não morreu, está prestes a morrer, em estado terminal ou agonizando, mas não propriamente morto. Já os benditos são cantados em várias ocasiões como peregrinações, pedidos de chuva, terços e novenas. Mas para o velório são cantados os benditos fúnebres, exclusivos para o momento da morte. As incelências ou excelências, são destinadas apenas para o momento do velório,

trata-se particularmente de canto de exéquias, e algumas são cantadas em formas de contas (uma... duas... três excelências), conforme explica Cascudo (1999):

Uma excelença que Nossa  
Senhora deu a Nosso Senhor,  
Essa excelença é de grande valor.  
Duas excelências que Nossa  
Senhora deu a Nossa Senhor etc.  
Três excelências que Nossa Senhora... (CASCUDO, 1999, p. 219)

Outra simbologia presente na sentinela é a luz, representada pela vela, é para os católicos traduzida como vida, fé e proteção. Em caso de morte, tanto protege os vivos quanto orienta os mortos para a passagem do caminho que leva ao paraíso eterno. É comumente acesa durante a sentinela, como também em cemitérios e igrejas para iluminar o caminho dos que partiram, visando e descansar e encontrar a paz eterna. Relatos de moradores do povoado de Queimada de Claro, na Bahia, explicam que quando uma pessoa se encontra em estado terminal, a vela deve ser acesa quando, para acompanhar a saída da alma no caso de morte. Durante os sete dias de luto, velas deverão permanecer acesas na casa do falecido, já que durante estes sete dias a alma visita a casa de onde ela despediu-se deste mundo.

Através desse estudo pudemos perceber que o sociedade ocidental passou por várias transformações relacionadas à morte. Mesmo com tantas mudanças ainda existem regiões do Nordeste que ainda preservam os rituais fúnebres na roça. O tempo do “guardamento” traduz um período onde a morte representava um verdadeiro acontecimento social, que promovia interação e reforçava os laços de solidariedade entre os membros da comunidade. Numa sociedade que nega a morte, os rituais são simplificados e acelerados, sem, no entanto, perder a função simbólica, e os sentimentos de dor e pesar deixam de ser manifestados publicamente.

O ato de morrer e os rituais de morte no sertão baiano estiveram cercados por mitos e crenças que indiciam uma série de aspectos culturais, e

religiosos, portanto passíveis de serem pesquisados, analisados e historicizados.

Apesar das transformações advindas de novos valores globalizados trazidos pela modernidade, os rituais praticados nas região sertaneja da Bahia ainda mantêm vivos estes ritos funerários, de geração para geração, considerando que essa é uma das maneiras de ajudar no ofício da passagem de seus mortos.

Por fim, identificamos que a morte é entendida por esses moradores como um destino determinado por Deus e, dessa forma, é necessária a fé para enfrentar esse acontecimento com resignação, o que proporciona superação à perda e facilita o processo do luto.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALMEIDA PRADO, José Nascimento de. **Trabalhos fúnebres na roça**. São Paulo. Revista Arquivo Municipal. Departamento de Cultura. 1947.
- AMADO, Jorge. **Dona Flor e seus dois maridos**: história moral e de amor. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979
- ARIÈS, Philippe. **O homem diante Morte**. São Paulo. Unesp. 2013
- AZEVEDO, Álvares de. **A noite na taverna**. In:\_\_\_\_. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.
- CASCUDO. Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Global. São Paulo. 1999.
- CORALINA, Cora. **Estória da casa velha da ponte**. São Paulo. Global, 2006.
- FERNANDES, G. **O folclore mágico do nordeste**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1938.
- GIACOIA, O. J. A. **Visão da morte ao longo do tempo**. Revista Medicina, 38(1), 13-19. Ribeirão Preto – SP, 2005.
- GONÇALVES, A. T. M. **As festas romanas**. In: Conferência proferida na abertura da VI semana de História. “Indivíduo, Memória e Festa”, UEG – Uruaçu. 2013.
- MELO NETO, João Cabral. **Morte e vida Severina**; e outros poemas. Rio de Janeiro. Ed. Objetiva. 2007.
- MORAIS, Marluce Lime de. **Em cada conta um lamento**: incelências, benditos e rezas. Lisboa: FBAUL: CIEBA: Grupo de Pesquisa – CNPQ Memória, Ensino e Patrimônio Cultural, 2013.
- REIS. João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil no século XIX. São Paulo. Companhia das Letras. 1991.
- SOUZA, Cristina Rosa de Jesus. Entrevista concedida a Glayce Rocha Santos Coimbra. Cisterna. Município de Barro Alto – Bahia.2016.
- V. HELLERN, H. NOTAKER, J. GAARDER, **O livro das religiões**, São Paulo: Companhia dasLetras, 2000.
- VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo. Braslinse. 1991.